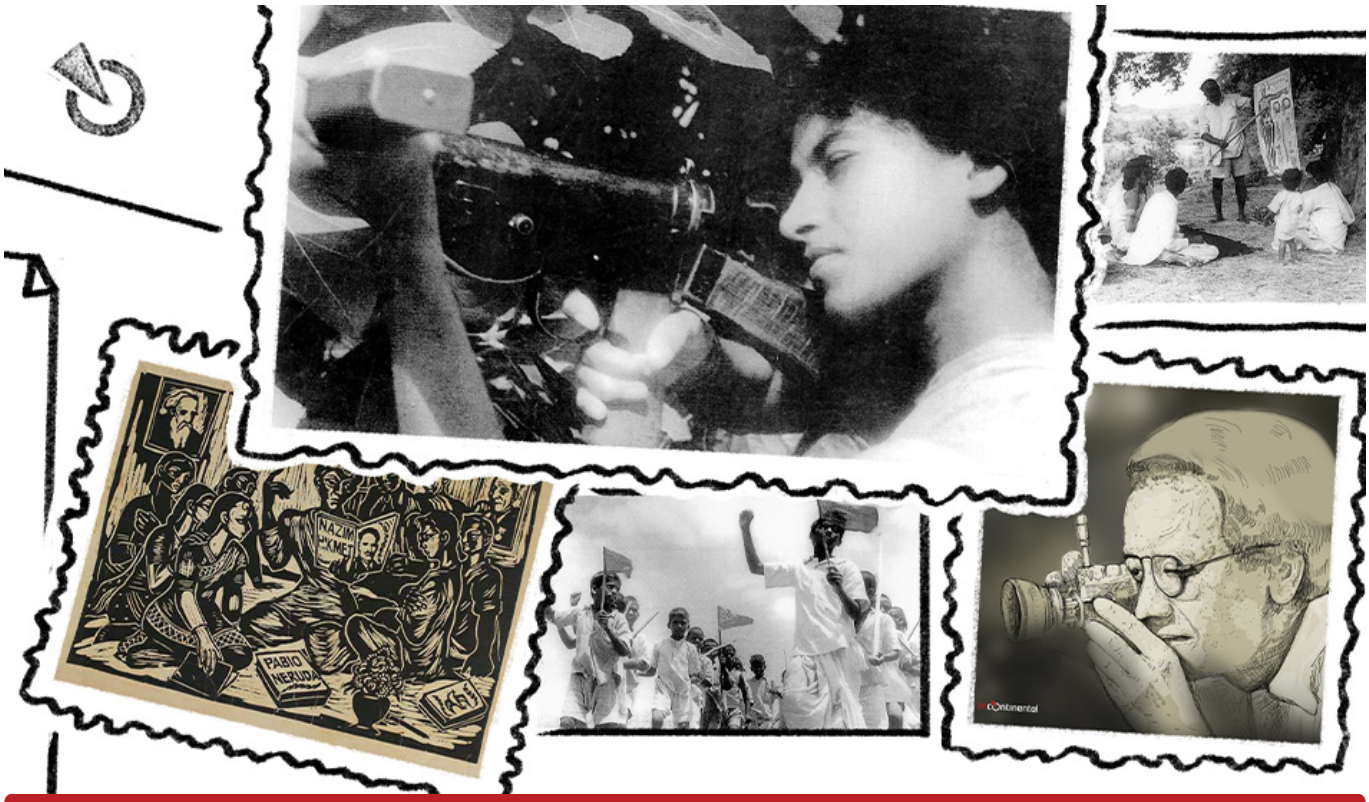
Fotografando a miséria e as revoltas populares contra ela

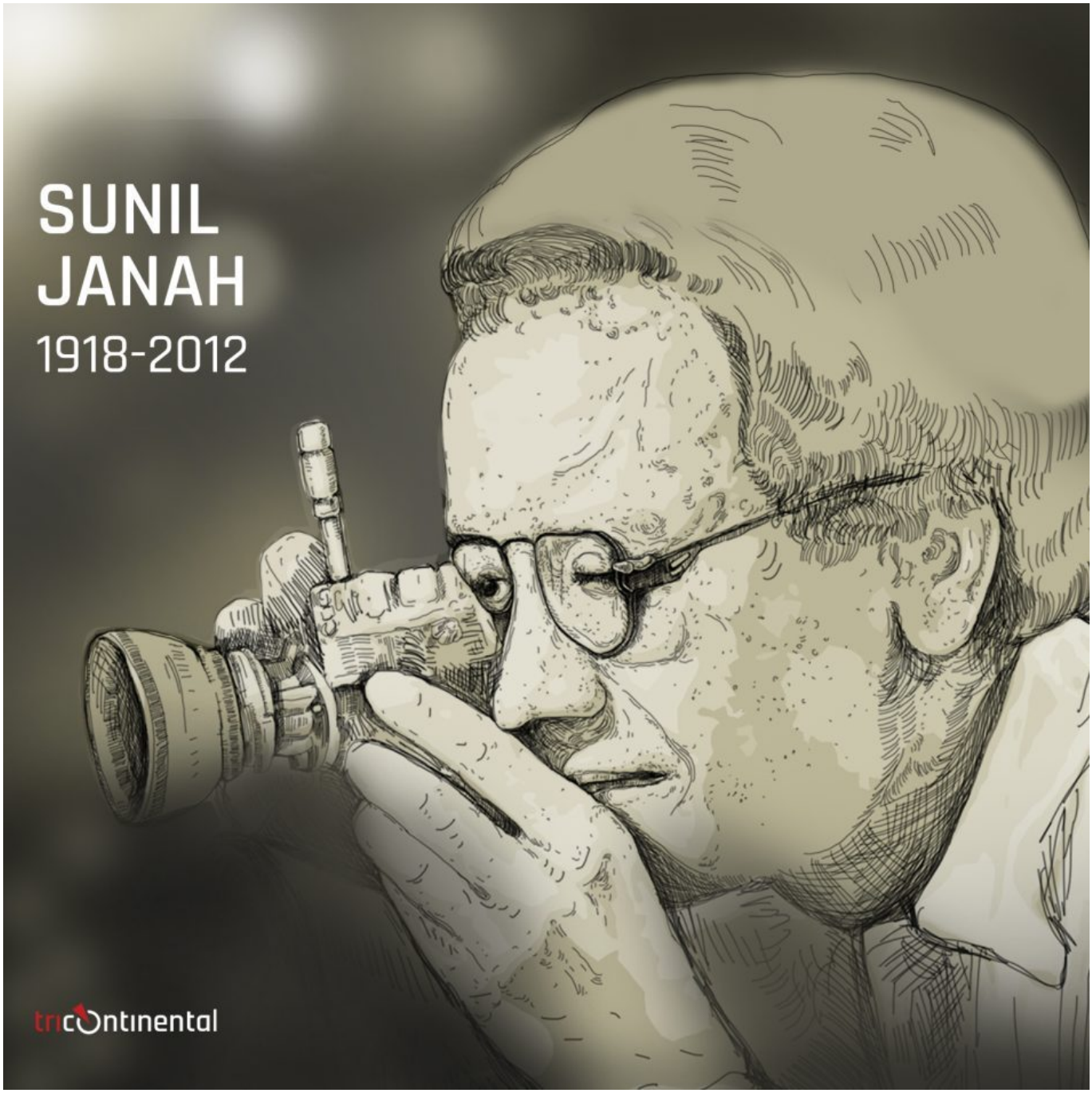
Boletim de Arte Tricontinental (setembro de 2024)



 Ouça Makoddi Tella Dora Tanamu [Não queremos o governo desse senhor branco] - Garimella Satyanarayana

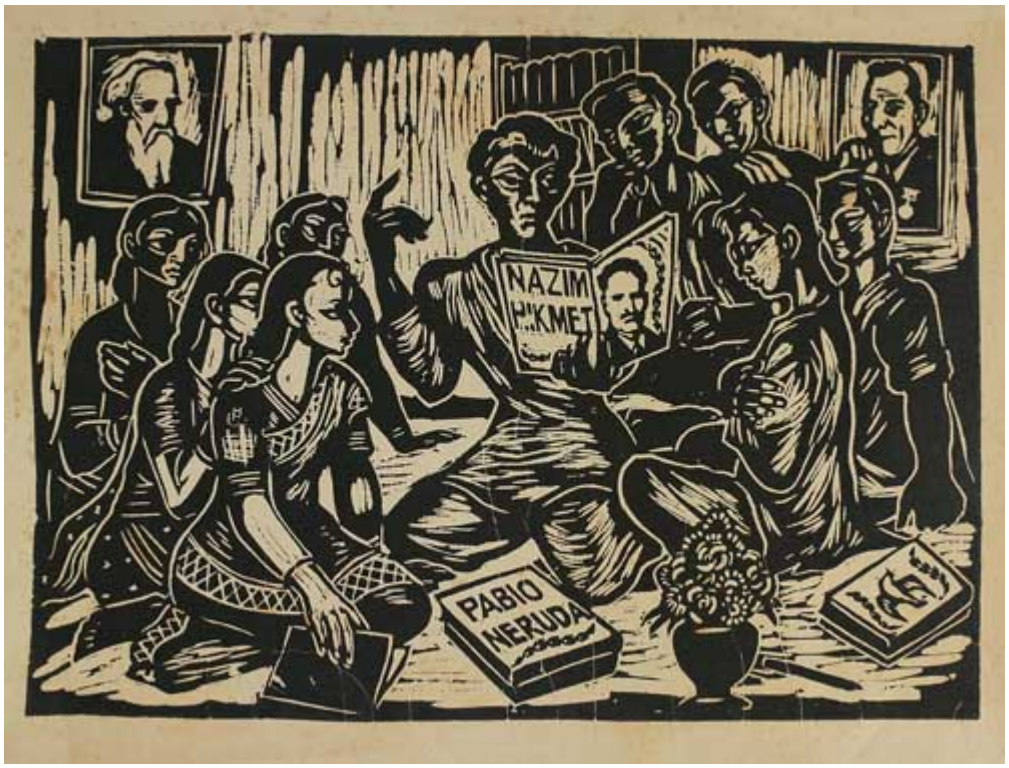
Ouça a canção imensamente popular de Garimella Satyanarayana (1893-1952) da região de Andhra-Telangana, **Makoddi Tella Dora Tanamu** [Não queremos o governo desse senhor branco], que foi proibida pelo governo britânico

Sunil Janah (1918-2010) nasceu em uma família bengali em Assam, na Índia Britânica, em 17 de abril de 1918. Ele cresceu em Kolkata (então Calcutá), em uma Bengala ainda não dividida. Na universidade, na década de 1930, foi rapidamente atraído pela política estudantil e pela luta anticolonial por liberdade. Nessa época, sua avó lhe comprou uma câmera, uma Voigtlander Brilliant f7.7, e seu tio fotógrafo lhe emprestou a câmara escura para testar sua nova arte. Esse foi um período de florescimento cultural no país, desencadeado pelo movimento internacional contra o fascismo, liderado pela Internacional Comunista (Comintern).



O Sétimo Congresso do Comintern fez um chamado para a formação de uma Frente Unida Anti-Imperialista nas colônias e países dependentes, e organizações culturais começaram a ser formadas para apoiar esses esforços. Na Índia, a influente Progressive Writers Association (PWA) foi criada em 1936, liderada por Mulk Raj Anand, Premchand e Rabindranath Tagore, entre outras figuras proeminentes, e, em 1943, foi formada a Indian People's Theatre Association (IPTA, na sigla em inglês). Quando os japoneses começaram a bombardear partes do leste da Índia em 1942, a Anti-Fascist Writers and Artists' Association [Associação de Escritores e Artistas Antifascistas] foi criada em Bengala, com os comunistas bengaleses na liderança do ressurgimento do movimento cultural marxista, cuja história está documentada no livro de dois volumes *Marxist Cultural Movement: Chronicles and Documents (1936-1947) [Movimento Cultural Marxista: Crônicas e Documentos]*, editado por Sudhi Pradhan.

Conforme expresso no manifesto da PWA, essas organizações entendiam que os escritores e artistas tinham o dever de "expressar as mudanças que estavam ocorrendo na vida indiana e ajudar o espírito de progresso do país por meio do racionalismo científico". Eles definiram como progressista "tudo o que desperta em nós um espírito crítico, que examina as instituições e os costumes à luz da razão, que ajuda a agir, a nos organizar, a transformar". Foi nesse período de despertar cultural – quando Janah ainda era um estudante universitário – que P.C. Joshi, então Secretário Geral do Partido Comunista da Índia (PCI), que se interessou pessoalmente pela organização do trabalho cultural, o recrutou juntamente com o artista visual Chittaprosad, para se juntar às fileiras dos trabalhadores culturais.

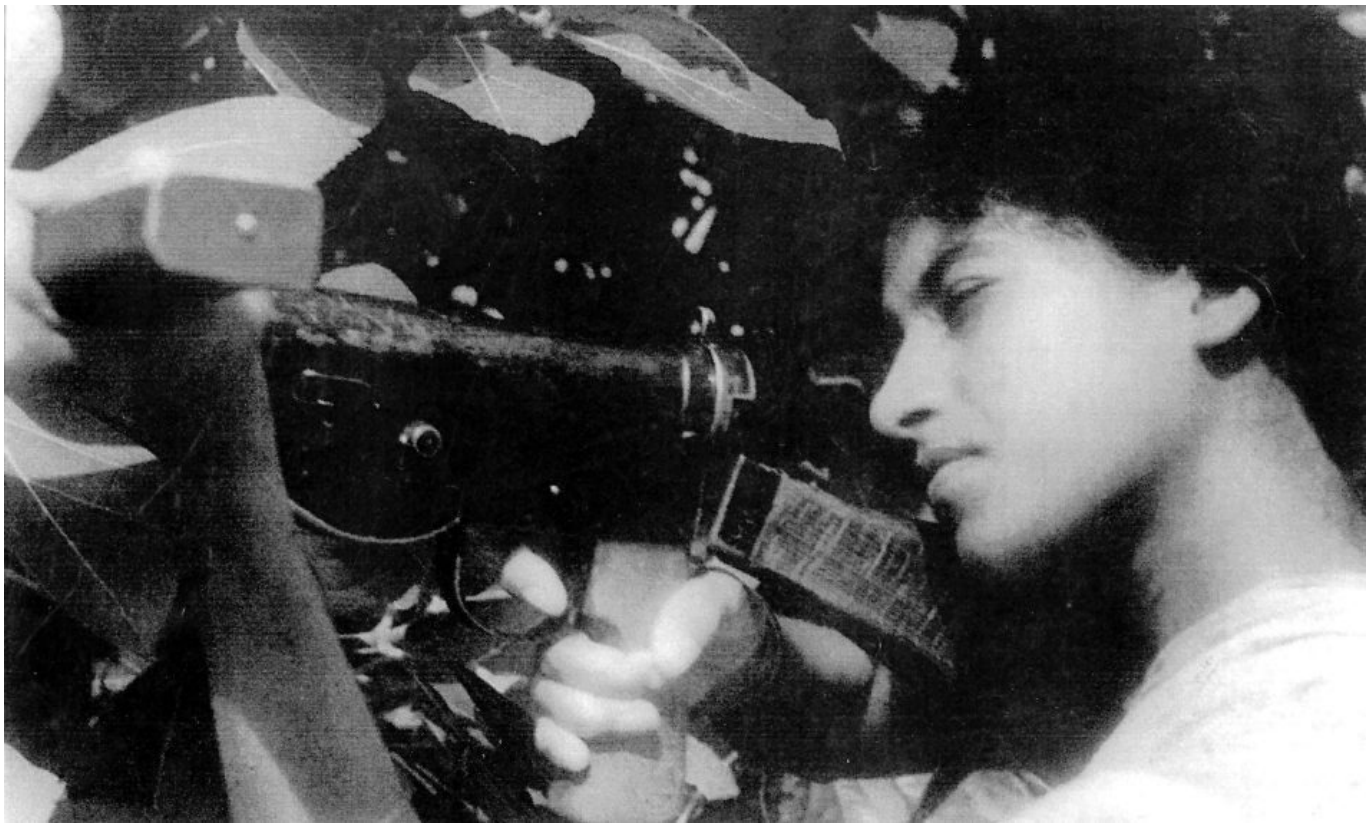


Chittaprosad (Índia), 1950 aprox.

Em 1943, tanto Janah quanto Chittaprosad foram enviados para documentar a Fome de Bengala, que ceifou a vida de três milhões de pessoas no final do brutal domínio colonial britânico. Ram Rahman, um fotógrafo indiano que passou as últimas três décadas preservando a memória da vida e do trabalho de Janah, falou comigo sobre esse período intenso de sua carreira no partido. Para Rahman, o que tornou Janah único foi o fato de ele "não ser um fotojornalista no sentido tradicional, que pode fotografar uma situação social, uma questão política ou um protesto", mas que na verdade não faz parte da luta. Janah era "um militante, e seu trabalho fotográfico *era* seu trabalho político".

Na época, o PCI tinha uma ampla circulação de jornais publicados em vários idiomas, e foi no *People's War*, publicado em língua inglesa, que as fotografias de Janah encontraram seu público pela primeira vez, impressas de forma inovadora que poderiam atrair as massas camponesas, em sua maioria analfabetas. De acordo com Rahman, "às vezes você tinha uma página inteira que continha apenas fotografias com uma pequena quantidade de texto". Essa foi a primeira vez na Índia em que as fotografias não foram impressas como pequenas imagens para fins informativos, mas com o objetivo de criar um impacto para todos,

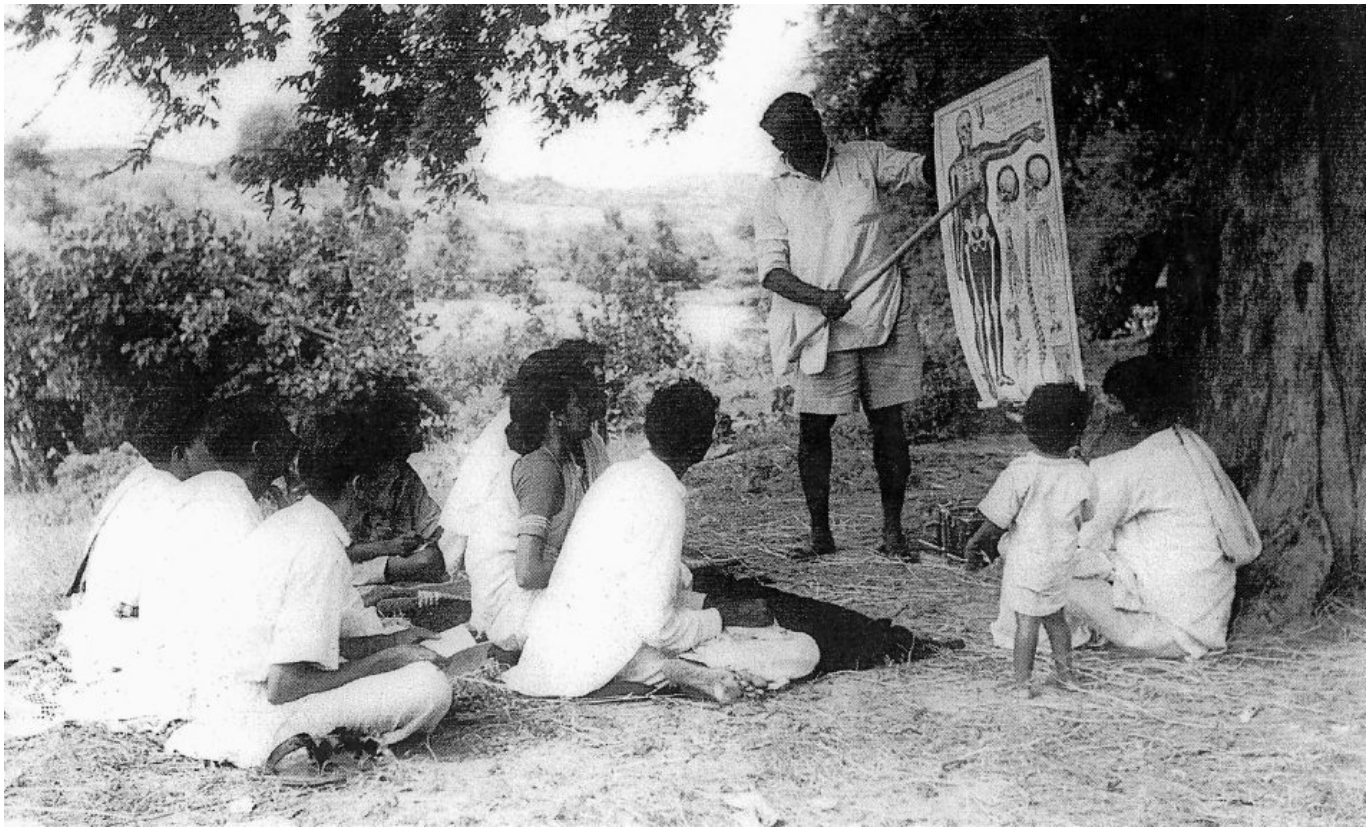
independentemente do nível de alfabetização. “Portanto, o uso da fotografia nas publicações do Partido Comunista foi de fato bastante revolucionário”, acrescentou.



Crédito: Sunil Janah, final da década de 1940.

Essas imagens foram uma poderosa ferramenta de mobilização, testemunhando uma fome brutal que os britânicos estavam tentando ativamente negar. Como Mao Zedong disse em seu ***Discursos no Fórum de Yan’an sobre Arte e Literatura***, uma das tarefas dos trabalhadores culturais é “expor a escuridão” e as crueldades do inimigo do povo e, ao mesmo tempo, “louvar a luminosidade”, a nobre luta do povo e sua inevitável vitória. As imagens, como a música e o teatro, podem falar diretamente ao coração e à mente de pessoas que talvez não saibam ler. Ele pode despertar esse espírito de luta para agir, organizar e transformar a sociedade em direção ao socialismo.

Na nota de abertura de Janah para ***Second Creature***, uma coleção de suas fotografias da década de 1940, durante “quatro anos de andanças quase contínuas pela Índia”, ele escreve sobre o tema de seu trabalho: “Embora, em termos gerais, meu tema fosse o povo indiano, minha ênfase estava nas condições angustiantes de suas vidas, sua pobreza e miséria, e sua revolta repetidamente manifesta contra isso”. Mas mesmo em suas tarefas de documentar fomes, epidemias e condições das favelas, ele “colecionava muitas fotos de mulheres sorridentes e bonitas”. Para ele, seus sorrisos representavam “a juventude, o charme e a vitalidade que ainda não foram totalmente destruídos nesse povo e que aparecem de forma tão irreprimível quanto a fome que eu fui retratar”. Suas andanças nesse período não foram motivadas por uma agenda individual, mas faziam parte de uma causa política. Como Janah explicou, “eu era um trabalhador comprometido com meu partido e minha ideologia política. Eu era um comunista dedicado”.



Sunil Janah (Índia), final da década de 1940.

Hoje, não é difícil encontrar on-line as imagens de Janah sobre a fome em Bengala, bem como suas fotografias dos adivasis, de líderes nacionais como Mahatma Gandhi e Jawaharlal Nehru e de projetos industriais como os "templos da Nova Índia" após a independência. Talvez suas fotografias da luta armada de Telegana (1946-1951) sejam menos conhecidas, que foram incluídas neste boletim de arte e em nosso mais recente dossiê, ***A luta do povo Telugu por terra e sonhos***. Esta publicação mergulha na tradição das canções de luta e nas contribuições de cantores e artistas populares que criaram músicas e peças teatrais para inspirar "milhões de pobres e oprimidos a imaginar um mundo no qual não estariam mais acorrentados enquanto construíam sua confiança para lutar por ele".

Como construir a confiança das pessoas, e por meio de qual conteúdo e formas artísticas e culturais, continua sendo uma questão relevante e urgente. Se a série de Bengala de Janah tratava de "expor a escuridão" da brutalidade colonial, suas fotografias de Telegana "enalteciam o brilho" da luta comunista: mulheres camponesas confiantes treinando para usar armas, crianças marchando com bandeiras vermelhas, médicos prestando assistência médica, educadores ensinando sob uma árvore e homens e mulheres marchando camuflados, prontos para conquistar seu futuro com as próprias mãos. Esse dossiê, juntamente com as imagens de arquivo e as músicas mencionadas em suas páginas, são uma afirmação poderosa do poder transformador da cultura e da necessidade de trabalhadores culturais despertar, nutrir e sustentar a luta pelo socialismo.



Sunil Janah (Índia), final da década de 1940.

Apesar de seu amplo e extenso repertório, o trabalho de Janah havia desaparecido da vista do público na década de 1970. Ram Rahman, na época estudante do Massachusetts Institute of Technology (MIT), tinha um interesse crescente em fotografia. Ele conhecia o trabalho de Janah apenas porque havia visto suas impressões quando era criança em sua casa – sua avó, que era dançarina clássica, havia procurado Janah para fotografá-la no final da década de 1940, quando ele havia começado seu próprio estúdio comercial. "Na década de 1970, comecei a perceber que seu trabalho era realmente muito importante", lembrou Rahman, "e não estava mais acessível ao público porque os jornais tinham desaparecido e apodrecido". Ele descreveu como "casual" o fato de Rahman e Janah terem descoberto que ambos estavam morando nos EUA. Janah havia trazido suas gravuras originais, quando se mudou para lá nos anos 1980, e concordou com a proposta de Rahman de organizar uma exposição em conjunto. Eles montaram uma exposição com pouquíssimo dinheiro: placas de espuma, fita dupla face, sem molduras nem vidros, montadas no loft de um amigo em Nova York. A exposição recebeu ótimas críticas, mas o mais importante foi a reação da própria Janah. "Meu Deus, nunca vi todo o meu trabalho reunido assim", disse ele a Rahman. "Este é o meu trabalho e esta é a minha vida".



Sunil Janah (Índia), final da década de 1940.

No mesmo ano da exposição, Janah concedeu uma entrevista, fazendo uma retrospectiva de mais de cinco décadas de seu trabalho fotográfico: “Até hoje minha crença e convicção é no socialismo. O capitalismo é um sistema incivilizado e desumano cuja base é a ganância”. Rahman afirmou a convicção política duradoura de Janah, mesmo nas décadas posteriores ao seu trabalho direto no movimento comunista: “Seu tipo de empatia com a classe trabalhadora e também suas conexões com a comunidade criativa da Índia, que surgiram do Partido Comunista, continuaram ao longo de sua vida”.

Em outras notícias…




Conferência Art and Cultural Canvas, Universidade de Andhra, Índia.

No mês passado, tive o prazer de fazer um discurso na conferência inaugural do clube estudantil Art and Cultural Canvas da Universidade de Andhra, na Índia. No início deste ano, eles organizaram uma exposição de arte em solidariedade à Palestina em colaboração com o **Young Socialist Artists (Jovens Artistas Socialistas)** antes de formalizar sua organização.

No espírito da solidariedade internacional, recomendo esta **entrevista** sobre "Resistência cultural ao imperialismo", com o músico sul-africano Zolani Mkiva, cuja música se inspira nas Revoluções Cubana e Bolivariana. Além disso, aqui está um **vídeo** do mural de 30 metros em São Paulo pintado em solidariedade ao povo palestino como parte do Dia Nacional do Muralismo, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no Brasil.



César Mosquera (Venezuela/Utopix), 2024.

Por fim, o pôster do Dia do Livro Vermelho do mês é de César Mosquera, ilustrador venezuelano e desenvolvedor web da comunidade Utopix. Sua obra de arte homenageia o *Antimanual para o uso de marxistas, marxólogos e marxianos* de Ludovico Silva (1937-1998). Em sua introdução, escrita em Caracas em 1974, Silva defende uma leitura não dogmática do marxismo, afirmando que, no contexto latino-americano, há aqueles que, "com um conhecimento *sur le vif* [tirado da vida] de Marx, tomam as categorias clássicas e as fazem ressoar ao ritmo dos terremotos das montanhas andinas".

Em todo o Terceiro Mundo, de Telegana às montanhas andinas, gerações de comunistas fizeram exatamente

isso, aplicando e adaptando o marxismo às histórias e realidades locais. “Dessa forma”, escreveu Silva, “podemos superar Marx, (…) inventando conceitos e categorias que ele teria criado se tivesse vivido em nosso século”.

Cordialmente,

Tings Chak
Diretora de arte do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.